

APÊNDICE AO LIVRO *DA ESTUPIDEZ* (1987)

PARA UMA ESTÉTICA DA ESTUPIDEZ

FRAGMENTO 1

Há anos a esta parte que ando a matutar num livro mais ou menos teórico sobre a *estupidez*, não a tão famigerada e essencial, por produtiva, estupidez humana, mas aquela que estaria na base da minha aventura poética.

Elaborei na cabeça algumas dezenas de teorias, vivi-as como um danado, entre o terror da congestão e o sacrilégio da excitação intelectual, perdi-as na utopia da memória, a que a civilização chama comumente de esquecimento. Numa época em que o biografismo inexistia porque há muito deu o pio, atacado pelas cabeças mais pensantes do século, tenho que confessar que não vejo outra maneira de chegar aos fundamentos, porventura precários ou aparentes, da minha poesia, e do que subjaz nela de estupidez, se não enveredar pela minha pessoa.

Aos quase 40 anos, não me conheço. Não sei quem sou. Sei que sou, que existo, que vivo. Mas se me perguntarem certos traços da minha pessoa, acerca do que se costuma denominar de personalidade, fico perplexo, sentindo um espanto inaudito paralelo ao branco que se abre em minha frente. Não é por acaso, nem por ironia, nem por bovina aceitação ou impura bonomia que, quando minha mulher me diz que sou um chato, ou um amigo, que fui cruel, em tal situação mais ou menos histórica, não me defendo. Pelo contrário, é com uma redobrada satisfação que ouço esses testemunhos da minha maneira de ser, como se, no fundo, eu sentisse ou suspeitasse que, não tendo nenhuma maneira de ser, qualquer uma me seria boa e desejável para cumprir devidamente meu papel de homem. Se me perguntarem, por exemplo, qual dos traços, como a inteligência ou a sensibilidade, prevalece mais na minha actividade escritural, seria incapaz de responder. Nunca me senti inteligente, nunca me senti sensível. Se inteligência tenho ou penso ter, é porque o mundo, ou os homens e suas

instituições, me atestam afirmativamente em diplomas disto ou daquilo. Se sou sensível, é porque minha mulher receia muitas vezes certas situações que eu possa viver. Tudo isso me vem do exterior, não aparece em mim como evidência ou íntima comprovação. A única ilusão que tenho a meu respeito, em relação a esta matéria, é desconfiar que devo ser um *intuitivo*, pois vários acontecimentos e experiências várias confirmam mais ou menos que por vezes sinto, ou pressinto, certas coisas que a realidade depois vai caucionar.

Mas o que é a intuição? É um indivíduo dizer coisas sem saber muito bem o que está a dizer, ao acaso, falando e sentindo gratuitamente, sem que a consciência esteja presente. Não nos traz nenhum conhecimento. Pelo contrário, incomoda, porque, finalmente, não nos oferece o conforto de qualquer sentimento contemporâneo de qualquer realidade que se viva ou contemple. É o estar a sentir coisas estupidamente, sem nenhuma razão visível que o justifique.

É o que me acontece quando escrevo. Diante do papel branco começa-se a sentir um estranho nervosismo, não se tem ideia nenhuma do que se vai escrever, nem sequer se sabe se se quer escrever, mas o papel está ali, e é preciso preenchê-lo. E então escreve-se o que nos vem à cabeça, numa espécie de cordato delírio, sem percebermos muito bem qual a relação entre as palavras, intuindo apenas que certas ideias, ou estruturas ou ritmos, vão surgindo, independentes de quem sou, como se a linguagem fosse um fenómeno muito complexo de *luta* entre a língua que se conhece e a carne desconhecida que forma o nosso corpo. Isto é, escreve-se estupidamente. «Por que acabo de maiuscular aquela palavra que nem sequer é nobre na ideologia poética dos nossos dias, assim, caninamente? Eu que não gosto de uma maneira geral de maiuscular nada?!» Não se trata, contudo, de uma escrita automática de saudosa memória, nem da revelação por um qualquer espírito santo, trata-se de escrever para resolver um *problema* que é o da própria escrita, que é o da própria vida.

E mesmo quando se tem alguma ideia pré-existente do que se deseja escrever, acontece sempre isto, a materialidade da linguagem impõe-nos o seu próprio texto, como se não fosse eu que escrevesse mas sim a língua, por mim, que se escreve. Estupidamente.

Daí o eu dizer muitas vezes, aos amigos simpáticos, que não sou um poeta. Muito menos um criador. Poeta porque não tenho a ilusão de estar a *fazer* o que quer que seja, criador porque não tenho a pretensão nem a necessidade de imitar essa tradicional ideia de um Criador (agora sim, maiúsculo) no vértice da nossa humana mediocridade.

FRAGMENTO 2

Não é minha intenção, ao enunciar uma ESTÉTICA DA ESTUPIDEZ, provocar o riso ou a ira, como não é também propor mais uma nova estética no já sem número de modas literárias que teceram este século. É antes, da minha parte, tentar racionalizar de uma maneira mais ou menos clara o que tem sido a minha escrita, ou, pelo menos, alguma das minhas manifestações ditas poéticas.

Fundamental me é pois abordar o problema da «criação», como eu o vivo, e certamente como ele se reflecte no «produzido» (não gosto dos dois termos, mas terá que ser!).

Para isso terei que falar um pouco da minha personalidade, não a poética, mas personalidade tomada na sua acepção geral e comum. Um dos traços, infelizmente (por outras razões), dominantes da minha maneira de ser, é aquilo que um analista, mais ou menos formado em psicanálise ou mesmo em psicologia, chamaria de *infantilismo*. Sabem o que é, aqueles que lidam com as crianças, essa necessidade que elas sentem de negar tudo aquilo que se lhes diz ou propõe. Mais até do que negar, seria talvez contradizer. Ora a contradição, penso eu, sem agora nenhum sentido crítico, mas puramente impressionístico, é a base de toda a minha obra.

Contradizer foi-me um traço exterior até pelo menos aos 20 anos, e depois, se desapareceu aparentemente nesta minha leniência em que fui prosperando, continuou subterraneamente na estrutura do meu pensamento. Aos quinze anos eu era ferozmente um cínico, hoje não sei se vivo bordejando historicamente a loucura, para não dizer mesmo, porque menos devidamente sacralizada, a demência. Pelo menos o receio existe, e toda uma alegria que advém de certos transportes mais conhecidos por êxtases ou arrebatamentos.

Bem, vamos agora ao que nos interessa.

FRAGMENTO 3

Diante do papel branco. Ter que escrever. Qual o mecanismo?

Aparece uma frase na consciência, imediatamente deflagra o tal processo da contradição. Nessa terrível tensão entre passar ao papel a frase que me apareceu, e transformá-la imediatamente, com a ajuda da inteligência, ao seu oposto, seguindo estruturalmente o esquema facultado pela *inversão*, tão comum a tantos dos autores ainda hoje contemporâneos, surge um terceiro momento,

penso que devido à intuição, que torna as coisas um pouco mais complicadas, pois a frase realmente escrita será uma espécie de desvio, ou de inflexão entre esses dois pontos do mesmo paradigma. Não será pois o resultado de uma síntese, mas, pelo contrário, será uma espécie de coexistência mais ou menos sincrônica de dados aparentemente díspares, dispersos e muitas vezes opostos.

De outra maneira. Onde buscar um discurso realmente novo? Não dizendo o contrário ou negando a afirmação, ou a doxa, mas intuindo um outro lugar, e no meu caso, o espaço da Estupidez, do disparate, ou se se quiser, do ilógico, do alógico, do pré-lógico, ou mesmo do pós-lógico, como substância de onde se poderá sacar um texto outro, contaminado e não puro, sobretudo excêntrico porque descentrado e inaudito porque sem ainda uma tradição literária muito visível ou histórica.

Logo, Estética da Estupidez, não no sentido de se escrever coisas estúpidas, (já há muitos que o fazem como se fossem dotados de inteligência ou sensibilidade), mas no sentido de se ir buscar a inspiração ao DISPARATE, na sua ressonância etimológica de soltar ou libertar ou mesmo arrojado, esse extraordinário espaço da clivagem e da separação.

FRAGMENTO 4

Mas poderão perguntar ainda, porquê Estupidez? Simplesmente porque me parece essencial tomar o ainda *pejorativo* na nossa civilização e fazer dele um momento ou motivo de criatividade. Não há nesta atitude nada contra a inteligência, a sensibilidade, todas as faculdades humanas que têm sido objecto de carinho e de apreciação ao longo dos séculos. É mais uma tentativa, e pessoal, (dado o acaso de eu me encontrar, por personalidade, vocacionado para sentir o informulável ou o indeterminado do que subjaz de estupidez no discurso humano), de alargar as possibilidades desse mesmo discurso humano, enriquecendo-o com pequenas achegas ainda não detectadas ou pouco detectadas ao longo dos séculos da tradição ocidental.

É, a outro nível, uma maneira talvez ridícula e censurável de me colocar ao lado dos infortunados, como recipientes de linguagens infortunadas e estúpidas, incapazes de atingirem o poder, ou mesmo talvez de o imaginarem ou desejarem, de tal maneira envolvidos pelos problemas da vida, para não dizer, da sobrevivência. Enfim, como eu.